



Dez anos após *Amoris laetitia*: *anunciar o Evangelho com as famílias hoje*

Encontro do Santo Padre Leão XIV
com os Chefes das Igrejas Orientais
e os Presidentes das Conferências Episcopais
7-14 de outubro de 2026

[Tradução de trabalho. Original: inglês.]

Nas dificuldades da vida: acompanhar e sustentar

Caminhar com as famílias em situações complexas

Segunda-feira, 12 de outubro de 2026

S.Em.R. Card. Pablo Virgilio Sionco David

Na nossa Igreja local, na Diocese de Kalookan, aprendemos que aquilo que, à primeira vista, nos parece uma família irresponsável ou disfuncional pode apresentar-se de forma muito diferente quando entramos em casa e escutamos a sua história.

Um dos capelães das nossas estações missionárias reparou certa vez que havia crianças que ficavam nas ruas o dia inteiro, por vezes até às onze da noite. A sua primeira reação foi de irritação. *Onde estão os pais? Porque é que nem sequer chamam os filhos para casa para comer?*

Mas, à medida que foi conhecendo as famílias, começou a compreender. Um dos pais era motorista de jeepney e trabalhava desde manhã até à noite, porque aquilo que ganhava por dia mal chegava para esse mesmo dia. Se não conduzisse, a família não comia. O cansaço, o desânimo e, por vezes, a dependência, entravam também em cena.

O sacerdote percebeu que, antes de julgar os pais, tinha primeiro de compreender o fardo que eles carregavam. Isso tornou-se para nós uma importante lição pastoral.

A nossa Diocese abrange três cidades densamente povoadas da região metropolitana de Manila. Muitas famílias pobres são migrantes provenientes das províncias. Os pais saem cedo para trabalhar. Os filhos ficam com os avós ou com os irmãos mais velhos. As casas podem estar separadas apenas por alguns centímetros, e, no entanto, os vizinhos podem continuar a ser estranhos uns para os outros. A pobreza pode isolar as pessoas, mesmo quando as obriga a viver muito próximas umas das outras.

Depois veio a campanha violenta contra as drogas ilegais.

Muitos dos assassinatos ocorreram precisamente nas comunidades mais pobres da nossa Diocese. Acompanhámos famílias que, de repente, perderam pais, filhos, maridos e irmãos. Encontrámos viúvas, órfãos e avós que, inesperadamente, voltaram a ser pais. Algumas famílias tinham medo até de fazer o luto publicamente, porque a associação com alguém suspeito de consumir drogas podia, por si só, colocá-las sob suspeita.

Me lembro de uma família cuja situação poderia facilmente ter sido descrita simplesmente como “irregular”. Os pais estavam separados. O pai cuidava dos quatro filhos, o mais velho com doze anos e o mais novo com três. Depois, foi morto. De repente, os familiares tiveram de assumir a responsabilidade pelas crianças.

Em que categoria deveríamos colocar uma família assim?

Começamos a perceber que a fragilidade de muitas famílias não é produzida apenas por escolhas pessoais. A vida familiar pode também ser ferida pela pobreza, pela migração, pela violência, pela dependência, pela prisão, pela injustiça e pelo trabalho precário. Estas realidades podem limitar severamente a liberdade das pessoas e até a sua capacidade de se aproximarem do ideal cristão da vida familiar.

É por isso que *Amoris laetitia* tem sido tão importante para nós. Não nos pede que abandonemos o ideal. Pede-nos que acompanhemos pessoas reais, na distância, muitas vezes dolorosa, entre o ideal e a sua situação concreta. Deu-nos uma linguagem para expressar aquilo que já estávamos a aprender pastoralmente: discernir as situações concretas em vez de começar pelas classificações, acompanhar um crescimento gradual e confiar que a graça pode já estar a agir mesmo em vidas e relações marcadas pela fraqueza e pela incompletude.

A nossa primeira resposta durante os anos da guerra contra a droga não foi propriamente um programa. Foi a presença.

Os nossos missionários visitavam as famílias enlutadas. Rezaram com elas. Asseguraram-lhes que não tinham sido esquecidas. Então, começou a acontecer algo maravilhoso. Uma viúva conheceu outra viúva. Pais que tinham enterrado os seus filhos conheceram outros pais que compreendiam a sua dor. O sofrimento partilhado criou laços. Os laços criaram apoio mútuo. E o apoio mútuo transformou-se, gradualmente, numa comunidade.

Esta experiência ajudou a moldar as nossas Estações Missionárias. Trata-se de pequenas comunidades eclesiais que estabelecemos precisamente em bairros que as nossas estruturas paroquiais habituais mal conseguiam alcançar. Sacerdotes, religiosos e missionários leigos começaram por percorrer as ruas e ouvir. Eventualmente, os próprios pobres — viúvas, jovens, ex-dependentes em recuperação e famílias comuns — tornaram-se líderes pastorais e acompanhantes dos outros. Quando começámos a estabelecer estas Estações Missionárias nas comunidades urbanas pobres, dei aos nossos missionários uma instrução simples: Escutar. Dialogar. Estar presentes.

Antes de organizar programas, percorriam as vielas. Visitavam as casas. Aprendiam os nomes das pessoas e escutavam as suas histórias. A presença tornou-se o ponto de partida da missão.

Descobrimos que muitos católicos pobres não sentiam verdadeiramente que pertenciam à Igreja. Podiam ter um Santo Niño (menino Jesus), uma imagem de Nossa Senhora ou um terço nas suas casas. Identificavam-se como católicos. Mas alguns pensavam que a paróquia era para pessoas com dinheiro, roupas adequadas, educação ou posição social. Estavam fisicamente perto da Igreja, mas espiritualmente e socialmente distantes dela.

Por isso, em vez de perguntarmos: “Porque é que eles não vêm à Igreja?”, começámos a perguntar: “Irá a Igreja ao encontro deles?” Essa pergunta transformou-nos.

Hoje diria que as Estações Missionárias mudaram a nossa Diocese mais do que a nossa Diocese mudou as Estações Missionárias. Ensinaram-nos a escutar antes de falar e a reconhecer Cristo já presente entre os pobres. Ensinaram-nos que a evangelização não consiste simplesmente em levar Deus às pessoas, como se Deus estivesse ausente das suas vidas. Muitas vezes, descobrimos que Deus chegou ali antes de nós. E talvez esta seja uma das coisas mais importantes que aprendemos sobre o acompanhamento das famílias em situações complexas:

Uma família frágil precisa de mais do que conselhos pastorais. Precisa de uma comunidade que possa ajudar a carregar aquilo que já não consegue carregar sozinha.

Para nós, portanto, surge uma questão importante: será que as famílias estão a descobrir que já não enfrentam sozinhas as dificuldades da vida? Será que os que se sentem sozinhos estão a encontrar companheiros? Será que os que têm medo estão a encontrar coragem porque há uma comunidade ao seu lado?

O acompanhamento, então, não é meramente o que um sacerdote ou um agente pastoral faz por uma família. É aquilo em que a comunidade cristã aprende gradualmente a tornar-se em torno dessa família.

Talvez a Sagrada Família no Evangelho de Mateus nos ajude a compreender isto. A violência política obriga José a pegar no menino e na sua mãe e a fugir para o Egito (*Mt 2,13-15*). A sua família sobrevive intacta graças a migração; outras famílias não têm a mesma sorte. Os soldados de Herodes massacram as crianças de Belém, e Mateus ouve Raquel a chorar pelos seus filhos, “porque já não existem” (*Mt 2,16-18*). O Evangelho da família não é, portanto, um ideal abstrato, alheio à fragilidade humana. É o Emanuel – Deus-conosco – que entra precisamente nela.

E acontece algo ainda mais belo. Aqueles que foram acompanhados começam a acompanhar outros. Viúvas acompanham viúvas. Pessoas em recuperação da dependência apoiam outras pessoas em recuperação. Famílias que outrora receberam ajuda começam a ajudar outras. Pessoas que outrora pensavam que não pertenciam à Igreja descobrem dons para a liderança e o serviço. Deixam de ser meros destinatários do cuidado pastoral. Tornam-se sujeitos da missão.

Talvez esta seja uma forma de compreender o convite de *Amoris laetitia*: não se limitar a perguntar até que ponto as famílias estão próximas do ideal, mas também até que ponto a Igreja está disposta a aproximar-se das famílias nas suas lutas reais.

A Igreja não pode estar sempre à espera que as pessoas venham até ela. Por vezes, tem de ir até onde as pessoas vivem, onde lutam, onde choram, onde esperam – e descobrir que Cristo já está ali, à nossa espera.